



O RONALDO DA NATAÇÃO



Um dia, disseram-lhe com todas as letras que o seu sonho era impossível de concretizar. Jaime abanou a cabeça e chamou-lhes tolos. «Tolo és tu por achares que vais longe com essa ideia de seres o Ronaldo da natação». E Jaime, que gostava sempre de ter a última palavra, afirmou sem hesitar: «Tolos são os adultos que desistem de sonhar.» E virou costas. O que o treinador de natação não viu foram os olhos de Jaime, que se encheram de água, os dentes cerrados para tentar dominar a raiva, o suor que lhe pingava cara abaixo. Também não ouviu o bater acelerado do seu coração, que parecia ser capaz de pular para fora do peito. Quem nunca se sentiu assim, irritado e quase a explodir, por não ser entendido?

E Jaime chorou, chorou junto ao muro da escola onde estavam escritos muitos nomes e desenhados corações. No meio de tanto rabisco, uma frase parecia ter sido escrita a pensar nele: «A esperança é a virtude de acreditar que é possível.» Repetiu a frase vezes sem conta. Tantas até ficar cansado e ter cada uma daquelas palavras a fazer eco na cabeça. Revirou a mochila da escola para encontrar o caderno onde escrevia tudo o que queria fazer e registou a frase: «A esperança é a virtude de acreditar que é possível.»

Jaime não tinha dúvidas de que poderia ser o que sempre sonhara: um atleta de alta competição... um campeão mundial de natação... um vencedor! Mais do que provar ao mundo do que era capaz, o seu grande objetivo era provar a si próprio que todos os sonhos são possíveis.

Começou então a traçar um plano: o primeiro passo era arranjar um treinador que acreditasse no seu valor. Na realidade, esse parecia ser o maior obstáculo a ultrapassar.

Jaime tinha um corpo atlético. Era o mais rápido da turma a correr e a fazer contas de matemática. Era disciplinado: deitava-se sempre à mesma hora, comia alimentos saudáveis, corria e nadava todos os dias da semana. E o nome da sua rua parecia ser o melhor dos presságios. Jaime vivia na «Avenida dos Campeões». Parecia estar tudo a seu favor. Agora só precisava mesmo de alguém que acreditasse nas suas capacidades. Depois de lhe fecharem as portas no clube de natação da escola, Jaime já não sabia o que fazer. Mas sempre que sentia medo de não conseguir cumprir o seu sonho, abria o caderno e lia a frase mágica: «A esperança é a virtude de acreditar que é possível.»

No dia em que foi chamado «tolo» por querer ser «o Ronaldo da natação», regressou a casa depois das aulas e só queria estar sozinho. Precisava de arranjar uma solução, ou melhor, um treinador. Alguém que o visse nadar e percebesse como era rápido a percorrer a pista da piscina, de uma ponta à outra. Alguém que visse o seu olhar concentrado sempre que mergulhava na piscina. Alguém que acreditasse que o seu futuro era ser um campeão. Foi então que Jaime teve uma ideia! Espalhar panfletos nas caixas de correio do seu bairro, com o seguinte texto: «Procuro um ser humano corajoso, sem preconceitos, capaz de contar minutos num cronómetro e que goste de nadar.» Apresou-se a ligar o computador, escreveu o texto numa folha e imprimiu 50 cópias. Mal podia esperar pelo dia seguinte para distribuir os panfletos!

O seu sonho parecia estar cada vez mais próximo de ser concretizado e Jaime estava cada vez mais seguro das suas capacidades. Guardou as cinquenta cópias na mochila, jantou a correr e foi dormir mais cedo, para que a noite passasse mais depressa. No dia seguinte, acordou antes de o despertador tocar, engoliu o pequeno-almoço e saiu disparado para a escola. Pelo caminho, foi deixando os panfletos nas caixas de correio. Distribuiu todas as cópias, respirou fundo e pediu em silêncio que alguém aceitasse o seu desafio e o ajudasse a treinar, para ser o melhor na natação.





Passou-se uma semana... um mês... seis meses... e o telefone de Jaime não tinha tocado. Na sua caixa de correio também não havia respostas. Continuou a treinar, de segunda a sábado, duas horas por dia. Nadava cada vez com mais garra e fazia a piscina de uma ponta à outra cada vez com mais velocidade. Treinava sozinho, mas continuava a acreditar que, mais cedo ou mais tarde, iria encontrar um treinador.

Seis meses e meio depois de ter distribuído os panfletos, recebeu esta mensagem: «Jaime, provavelmente já deves ter encontrado quem te ajude. Tardei a responder, porque só agora regresssei a casa, depois de muitas semanas pela Europa e da minha última prova de atletismo. Corri durante muitos anos, agora vou abrandar o ritmo e ajudar outros a vencer. Chamo-me Guilherme Pinto e se ainda precisares de um ser humano corajoso, sem preconceitos e capaz de contar minutos num cronómetro, podes contar comigo.»

O grande momento tinha tardado, mas parecia finalmente ter chegado. Jaime havia encontrado mais do que um treinador, um atleta medalhado de quem já conhecia o nome das revistas e da televisão, por ser um dos grandes desportistas do atletismo. Agarrou no telefone e ligou-lhe. Marcaram um encontro nas piscinas municipais, onde Jaime treinava diariamente, no dia dezasseis de outubro, às dezasseis horas.

No dia combinado, pontualmente, Jaime aguardou o futuro treinador dentro da piscina. Quando Guilherme chegou, percebeu imediatamente quem ele era, porque não havia mais ninguém na piscina. O corpo de Jaime estava mergulhado na água e apenas se via o rosto e o sorriso rasgado com que se apresentou: «O meu nome é Jaime. Tenho 12 anos, vivo na Avenida dos Campeões, gosto de apanhar conchas na praia com a minha mãe, jogar futebol com o meu pai, andar de baloiço com a minha irmã e sinto-me livre sempre que nado. Quero ser atleta de natação. O meu sonho é um dia ir aos Jogos Olímpicos. Para já, quero competir nas provas nacionais e internacionais de natação e provar que não há limites para os sonhadores. Para

cumprir esse objetivo, preciso de um treinador que acredite em mim e de um ser humano livre de preconceitos.»

A palavra «preconceitos» espantou Guilherme. Que queria Jaime dizer com aquela afirmação? Não ousou perguntar-lhe e limitou-se a apresentar-se: «O meu nome é Guilherme. Tenho trinta e cinco anos e nos últimos vinte e dois dediquei a minha vida ao atletismo. Corri no mundo inteiro e na semana passada fiz a minha última prova. Tenho uma lesão grave numa perna e os médicos aconselharam-me a deixar de correr. Tenho tempo livre e vontade de ajudar outros atletas a vencer. Estou pronto para te ver nadar e comparar os teus tempos com os dos atletas que estão neste momento nas grandes provas de natação.»

Era o tudo ou nada. Jaime tinha finalmente a oportunidade de provar do que era capaz. Ao som do apito, começou o treino e atravessou a piscina de uma ponta à outra em tempo recorde. Guilherme ficou admirado com a sua rapidez e concentração. Os movimentos eram perfeitos, a respiração controlada e o seu corpo movia-se à velocidade da luz, mas com a suavidade de uma brisa da primavera e com a beleza de um pôr do sol. «Conta comigo! A partir de hoje, sou o teu treinador!», disse Guilherme sem hesitar.

Jaime não foi capaz de pronunciar uma única palavra. Preciso do silêncio, de modo que ganhasse coragem para o momento que se seguia. Tinha uma revelação para fazer, mas não conseguia encontrar as palavras certas. Fechou os olhos e lembrou-se dos conselhos da mãe: «Falar com sinceridade, sem medo de assumir quem somos. Não temos de ser todos iguais e ser diferente significa acrescentar algo mais ao mundo.»

Foi então que Jaime subiu a escada da piscina e mostrou o seu corpo tal como ele era. Guilherme ficou de boca aberta quando viu Jaime de corpo inteiro. O jovem que sonhava ser o Ronaldo da natação revelou o que até então tinha escondido: «Nasci sem um braço. Isso mesmo: não tenho um braço. Ou melhor, metade do meu braço esquerdo não cresceu, porque nasci com uma malformação e, por isso, não tenho a mão

esquerda. O meu braço para no cotovelo, mas garanto que o meu coração, que também fica do lado esquerdo do meu corpo, bate ao mesmo ritmo do das pessoas normais.»

Guilherme encolheu os ombros e sorriu. Jaime pensou que Guilherme ia rir-se dele e dizer-lhe, à semelhança de outros treinadores, que jamais seria um grande atleta. Mas não. Guilherme voltou a encolher os ombros e disse-lhe: «Pouco me importa que não tenhas uma mão. Pouco me importa que o teu corpo não seja perfeito. Pouco me importa que sejas diferente. Para mim, já és o Ronaldo da natação.»

E, naquele instante, Jaime voltou a acreditar no seu sonho. E depois daquele dia, passou a usar manga curta e a olhar sempre em frente quando andava na rua. Continuou a treinar todos os dias, sob o olhar atento do treinador Guilherme. Vencia todos os campeonatos nacionais e internacionais em que participava e conseguiu que o desporto adaptado (praticado por atletas com deficiência) fosse notícia na rádio, na televisão, nos jornais. Sempre que ganhava um troféu, agradecia aos pais por nunca terem escondido a sua diferença e por sempre o terem incentivado a seguir os seus sonhos.

E o maior desses sonhos, o de participar nos Jogos Paraolímpicos, foi cumprido em 2004, em Atenas, na Grécia, tinha Jaime dezoito anos. Subiu ao pódio para receber a medalha de ouro e, nesse instante em que ouviu tocar o hino de Portugal e o seu corpo vibrou com os aplausos do público, percebeu que a sua deficiência não era mais do que uma característica que o tinha ensinado a transformar obstáculos em desafios. Hoje, Jaime tem trinta e três anos. É treinador de uma equipa de natação adaptada, ou seja, de atletas com deficiência que dão ao mundo lições de humildade, perseverança e coragem. Continua a nadar todos os dias e a viver na Avenida dos Campeões. É casado e tem um filho, a quem deu o nome de Guilherme, em homenagem ao seu treinador. E todas as noites, antes de o seu filho Gui adormecer, repete-lhe esta frase ao ouvido: «A esperança é a virtude de acreditar que é possível.»